

## Apresentação

Para o Brasil e o mundo, o ano de 2022 fez surgir diante de todos nós inúmeros desafios. Passados dois anos do início da pandemia do Covid-19, partes do globo começam a ter um pouco de alívio com o avançar das vacinas. Essa tão importante arma contra uma doença que paralisou todos os países provou-se eficaz, pelo menos nos primeiros meses desse ano. O abrandamento das medidas restritivas e o retorno gradual aos espaços de sociabilidade, no entanto, não veio de forma generalizada e igualitária em todos os lugares. A desigualdade social alia-se à ausência de políticas vacinais para os rincões mais isolados ou de grandes regiões periféricas do Capitalismo contemporâneo.

Como ainda não é possível se falar em “pós-pandemia”, a vida que aos poucos tenta retomar suas atividades precisa encarar os desafios que se acirraram em dois anos de confinamento: inflação, crise ambiental, guerras, medo de uma nova doença a nível global, ameaça dos neofascismos e disputas políticas que têm em suas mãos a capacidade de redefinir drasticamente as próximas décadas do século 21. Em tempos de negacionismos e de anticiência, a humanidade nunca precisou tanto do saber científico.

Para o Brasil, 2022 marca os duzentos anos da Proclamação da Independência. Governos planejam exposições e festividades, museus são restaurados e preparados para essa importante data no calendário cívico brasileiro. Antes de referendar visões românticas sobre o passado nacional, é trabalho do historiador questionar e problematizar visões que tendam a simplificar, justificar ou enaltecer personalidades políticas em detrimento das contradições existentes nos mais diversos tempos históricos. É preciso lembrar, ainda, que as ameaças recentes ao regime democrático brasileiro evidenciam o nosso papel de impedir que opiniões autoritárias venham devorar nossa frágil democracia.

Com o intuito de divulgar a produção acadêmica de alunos dos mais diversos cursos acadêmicos, a *Revista História em Curso* busca promover um diálogo interdisciplinar, possibilitando diferentes abordagens que têm na História um fio condutor. Do Medievalismo à Contemporaneidade, as possibilidades de pensar o passado de um modo crítico e construtivo se abrem e instigam novas formas de pensar e produzir o

saber histórico. Um conhecimento que fica cada vez mais rico quando é trabalhado por muitas e variadas mãos.

Nesta toada, iniciando o presente volume, Pablo Gatt (UFES) e Irlan de Sousa Cotrim (UFES), em *O gênero e o papel feminino na perspectiva cristã medieval*, investigam a construção das representações simbólicas do gênero feminino na Idade Média. Com o discurso cristão embasado pelas Sagradas Escrituras, a imagem da mulher associada à Eva permitiu desenvolver uma noção do feminino ligado à passividade, à inatividade e nas atividades do lar, sendo que, atualmente, esse papel social ainda encontra eco em muitos grupos.

Ainda na temática de gênero e analisando a representação da figura feminina produzida pela intelectualidade paulistana de meados do século 20, Reginaldo Sousa Chaves (UESPI) discute em *Leila Ferraz e a trama mitológica do feminino na cidade de São Paulo (1950-1960)* a importância da artista surrealista Leila Ferraz na produção de uma nova visão da mulher. A partir do estudo do contexto histórico e intelectual em que ela viveu, é possível perceber como Leila Ferraz se apropriou das linguagens artísticas para romper com a mitologia em torno do feminino difundida por artistas de sua época.

Já o artigo de Higor Natanael Azevedo Carvalho (UFVJM) propõe uma abordagem da escravidão no interior de Minas Gerais, nas décadas finais do Império. *Tensões e mobilizações em torno da escravidão em Diamantina (1860-1888)* apresenta alguns dos principais discursos políticos sobre o processo de abolição da escravidão no Brasil a partir dos jornais impressos em Diamantina. Tendo como fonte os jornais *O Jequitinhonha* (1860-1873) e *Sete de Setembro* (1887-1888), foi possível o autor perceber e analisar quais ideias circulavam na região e como a abolição gradual impactava tanto a província quanto o Império.

Neste volume ora apresentado, dois artigos se propõem a debater a história recente do Brasil, lançando luz sobre a atual democracia brasileira, seus dilemas, desafios e perigos. Em *A deterioração da democracia: o enfraquecimento das instituições de 1995 a 2021*, Lenon Yuri Silva (IFMG) utiliza de fontes bibliográficas e documentais para apontar o processo de desgaste da democracia nacional, que vem sofrendo ataques desde 1995 até os dias de hoje, gerando desconfiança entre a população e ameaçando a

estabilidade política. Já no trabalho intitulado *Com a cara do governo: algumas considerações sobre a ausência do Golpe de 1964 nas aplicações do Exame Nacional do Ensino Médio no Governo Bolsonaro*, Raissa Gouveia de Melo Efrem (UFPE) estuda como o governo de Jair Messias Bolsonaro, entre 2019 e 2021, buscou negar os fatos e as condições que levaram ao golpe civil-militar de 1964, que instaurou a ditadura no Brasil. Dessa maneira, ao omitir a abordagem sobre o assunto no ENEM, o governo mostra seu desejo de revisionismo histórico, tentando fazer valer uma narrativa própria sobre o tema.

Dentro das discussões interdisciplinares que vêm permeando as Ciências Humanas, há muito, o diálogo entre História e Literatura tem se mostrado ser uma ferramenta útil para a compreensão do passado. No atual volume de *História em Curso*, dois artigos se propõem a enriquecer um pouco mais essa seara. Em “*A canção do africano*”: *um olhar conceitual a partir de representações e estereótipos em Castro Alves*, Alan Ricardo Schimidt Pereira (PUCRS) utiliza conceitos de Homi Bhabha e Roger Chartier para analisar o poema “A canção do africano”, de Castro Alves, com o intuito de analisar as representações sociais acerca da família escravizada, bem como outros estereótipos construídos pela literatura do período acerca da escravidão. Por sua vez, Isabela Padilha Papke (UFRGS), no artigo *Morrer em si para viver si: a deturpação da memória e o apagamento da identidade em Antes de Nascer o Mundo, de Mia Couto*, faz uso da obra do autor moçambicano para compreender a intrincada relação entre memória, trauma e identidade, dentro de um ambiente familiar impactado pela guerra e permeado por lembranças que muitas vezes as pessoas desejam esquecer.

Ainda nesse diálogo interdisciplinar, Silvia Gomes Pêgo (PUC Minas), ao se inspirar na etnografia, uma das ferramentas metodológicas da Antropologia, analisa as práticas educacionais na comunidade Calon, em Belo Horizonte. *Práticas educacionais dos ciganos Calons do bairro São Gabriel em Belo Horizonte* é um trabalho que propõe identificar tais atividades, manifestas nos hábitos e costumes da comunidade cigana. Partindo de uma reflexão sobre a formação dos Calons e sua condição à margem da sociedade, a autora aborda os desafios para esse grupo, que sofre com a discriminação, hostilização e luta para a manutenção e perpetuação de sua cultura.

Encerrando esta edição, Maycon Emílio Vicente Alves (UFOP) apresenta a tradução do artigo *O fenômeno imigratório e o futebol*. O texto, de autoria de Roberto Di Giano (UBA), utiliza de fontes jornalísticas do final do século 19 para compreender como as elites enxergavam o futebol e qual era a relação do esporte com os imigrantes, que chegaram às Américas e contribuíram para sua difusão.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os autores que nos enviaram seus trabalhos. Também queremos deixar nosso reconhecimento a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para a elaboração deste volume. Desde nossa primeira edição, reforçamos o nosso compromisso em construir um país mais justo através da produção e divulgação do saber científico. Esse desejo ainda nos motiva e esperamos que em 2022, ano crucial para a democracia brasileira, possamos acreditar na possibilidade da mudança para dias melhores. O passado brasileiro está cheio de injustiças, dores, desigualdades, golpes e silenciamento de corpos e identidades. Assim, que as feridas ainda não cicatrizadas de nossa experiência histórica nos ajude a termos força e empenho na formação de um Brasil mais justo para todos. Não desistamos do nosso compromisso como educadores e pesquisadores!

Boa leitura.

Wanderson Fabrício Portugal<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e pesquisador do Instituto Histórico Israelita Mineiro. E-mail: [ri.touya@gmail.com](mailto:ri.touya@gmail.com)